

CONJUNTURA

Manter os empregos é primeiro passo para a retomada

Grupo apresentou ao governo federal projeto que lista medidas ao Rio Grande do Sul

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

O primeiro passo para a recuperação da indústria gaúcha diretamente afetada pela calamidade que atingiu o Rio Grande do Sul será a manutenção dos empregos. É nisso que acredita o empresário Thômaz Nunnenkamp, que é presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos Farmacêuticos do Rio Grande do Sul (Sindifar) e que foi um dos candidatos à sucessão na presidência da Fiergs.

Atualmente em uma das vice-presidências da entidade, ele fez parte, na semana passada, da comitiva organizada pela Fiergs para apresentar ao governo federal, em Brasília, uma série de medidas para a recuperação do setor.

"Apresentamos um projeto robusto na área tributária, incluindo questões como prazos e acessórios. Manter os empregos é o primeiro passo dessa recuperação, e a suspensão de impostos já determinada é um alento. O próximo passo precisa ser a garantia de crédito para a retomada. As empresas precisarão ter capital de giro e renovação de máquinas, por exemplo. É preciso recapitalizar as indústrias e ajudar na recuperação dos parques industriais para voltarmos a gerar

impostos e fortalecer a economia", avalia.

Entre as principais preocupações, que já estavam na agenda do empresário e agora são amplificadas, está a perda de espaço da indústria gaúcha.

"Tenho comparado o setor industrial a um ecossistema. Quando temos um menor número de 'espécies', esse ecossistema fica mais frágil e suscetível a impactos. E agora estamos diante de um impacto jamais visto. A calamidade, infelizmente, tende a reduzir a diversidade", avalia o dirigente.

Há outros problemas a serem enfrentados daqui para frente, prevê Nunnenkamp. "O desafio para garantir a sobrevivência do maior número possível de indústrias e setores, porque isso é

importante para todo o sistema, será enorme. Exigirá muito trabalho. Hoje, para o restante do País, somos como um membro da família que está hospitalizado na UTI após um acidente grave. Exige muito apoio e atenção dos nossos parentes do restante do País", ilustra Nunnenkamp.

A perda de espaço, ou o enfraquecimento deste ecossistema, ultrapassa as barreiras nacionais. A indústria gaúcha, conforme a Fiergs, reforça o papel do Rio Grande do Sul como o segundo Estado no País em número de empresas exportadoras, 11,1% do total. São quase 3 mil exportadores, mais de 50% de médio e grande portes. Uma fatia que, com a calamidade, poderá ser reduzida.



Nunnenkamp também cita a necessidade de recapitalização

Diversas ações estão no radar do setor farmacêutico no Rio Grande do Sul

No caso do setor farmacêutico gaúcho, a preocupação em relação à balança comercial está maior em termos de importações. Seja de insumos ou de maquinário, que serão necessários na retomada. Medidas como fast tracks e outras ações que possam acelerar os processos estão entre os pleitos da Fiergs ao governo federal.

O Laboratório Saúde, que

tem sua produção no bairro Navegantes, região do 4º Distrito, em Porto Alegre, foi uma das indústrias do setor farmacêutico atingidas pela cheia. Ao todo, o sindicato, que registra em seu site 17 empresas associadas — pelo menos seis no 4º Distrito —, avalia que quatro indústrias foram as mais gravemente afetadas, entre Porto Alegre e Canoas. Além das produções de medicamentos,

que pararam nessas empresas, pelo menos uma indústria de produção de próteses teve seu parque industrial inundado.

"As máquinas foram perdidas, e ainda não conseguimos sequer fazer um levantamento mais detalhado e concreto do prejuízo ao setor, porque não foi possível sequer acessar as áreas de algumas das empresas. E quando isso for possível, ainda será

necessário toda uma limpeza específica, com a sanitização da área. Dependemos ainda da água baixar para uma avaliação", explica Thômaz Nunnenkamp.

E as perdas não se limitam às indústrias que foram alagadas. Quem não está em Porto Alegre ou na Região Metropolitana, mesmo com a manutenção da produção, já enfrenta problemas para escoar os produtos e para obter

alguns insumos. Levantamento da Fiergs aponta que 94,3% de toda a economia gaúcha foi afetada pelas cheias.

Em relação ao Valor Adicionado Bruto (VAB) da indústria, as regiões com maior atividade industrial potencialmente atingida são: Vale dos Sinos (R\$ 25 bilhões), Metropolitana (R\$ 17 bilhões), Vale do Taquari (R\$ 16 bilhões) e Serra (R\$ 15 bilhões).

Vinícolas gaúchas projetam forte retração no consumo

Roberto Hunoff

Com alguns casos isolados em que houve alagamentos ou deslizamentos de terras, implicando em prejuízos às instalações físicas, a indústria vinícola gaúcha, de uma forma geral, sofreu poucos impactos diretos em função das enchentes de maio. De acordo com José Virgílio Venturini, presidente do Sindivinho (Sindicato da Indústria do Vinho, do Mosto de Uva, dos Vinagres e Bebidas Derivadas da Uva e do Vinho do Estado do Rio Grande do Sul), a situação seria diferente caso o fenômeno tivesse ocorrido alguns meses antes. "Como já fechamos a época de safra, os estragos foram pequenos

quando comparados com a realidade de outras atividades. Fosse alguns meses antes, certamente, não teríamos colheita de uva neste ano", observou.

A preocupação, no entanto, é com os efeitos indiretos da tragédia. Venturini projeta forte retração no consumo de vinhos, espumantes e sucos. "Além das dificuldades de transporte dos produtos para os pontos de venda, também entendemos que o cliente priorizará outras necessidades para superar este momento difícil", projeta.

Venturini estima que 90% das empresas do setor estão com as vendas comprometidas, situação que exigirá apoio por parte do

governo federal por meio de financiamentos em operações especiais em termos de juros e prazos de amortização. "Estamos entrando no período de pagamento da safra recebida neste ano. Isto exige somas significativas de valores para pagar os produtores, que foram severamente prejudicados com perdas de parreiras, além dos danos na infraestrutura da propriedade", argumenta. O presidente do Sindivinho alerta que alguns produtores tiveram perdas totais, o que deverá acarretar consequências futuras para o setor.

O dirigente também defende que a União anistie em definitivo a dívida do Estado, que é discutida há muito tempo e sem



Como já acabou a época de safra, os estragos foram pequenos

nenhuma solução. "O governo federal precisa anistiar esta dívida para garantir a reconstrução do Rio Grande do Sul, com casas para

os desabrigados e recuperação da infraestrutura de transportes, que já era precária e, agora, piorou", cobrou.